DANÇA COMO PROPOSTA DIVERSIFICADA NA DUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Luiza Roberta Wronski [1]

Vinicius Gonçalves Mariano [2]

Andressa Ferreira Mandarino [3]

Loreanne dos Santos Silva [4]

Marcos Roberto Kunzler [5]

Resumo:

O estágio supervisionado III tem como objetivo principal, aproximar os/as acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, campus Uruguaiana, com a realidade das escolas do município de Uruguaiana, RS. Esta aproximação possibilita colocar em prática conhecimentos teórico/prático acumulados durante a graduação. A dança surge como proposta diversificada, possibilitando através da prática a vivência da dança propriamente dita, problematizando questões de gênero e desenvolvendo habilidades motoras e cognitivas. Este estudo teve como população foco, escolares (meninas) do 8° e 9° ano das séries finais do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental General Osório, do município de Uruguaiana, RS. As atividades práticas do estágio III aconteceram nas terças e quintas-feiras, sendo das 13h50min às 14h40min na sala de vídeo, quadra ou saguão da própria escola com as alunas das turmas 8º A, 8º B, 9º A e 9º B, das séries finais. Os materiais das aulas foram: Caixa de som, projetor, telão, corpos descartáveis, balões, tesoura, papel, lápis, cola e corda. A metodologia foi calcada no ensino lúdico das atividades propostas em aula, seguindo uma abordagem metodológica desenvolvimentista e humanista. Utilizou- se como técnica de coleta de dados, entrevista semiestruturada com perguntas abertas, afim de saber sobre as experiências prévias com a dança e seus interesses com a mesma. Após cinco observações e dezenove intervenções acerca da prática da dança nas séries finais do ensino fundamental, observou-se que a turma foi composta somente por meninas, essas meninas contribuíram fortemente nas aulas por mim ministradas. Assim que as intervenções iniciaram, algumas alunas ao saberem que o conteúdo que estava sendo ofertado por mim era dança, começaram a se interessar mais pela Educação Física. Outro resultado foi o questionário que as alunas responderam logo no primeiro dia de intervenção mostrando que muitas alunas não conheciam conceitos e elementos práticos e básicos da dança, conheciam algumas danças, mas nunca tiveram muito incentivo de praticar algumas modalidades. Sendo assim, é impreterível um processo pedagógico que envolva corpo e gênero, envolvendo a participação do aluno em discussões acerca de preconceitos

relacionados ao gênero e comportamentos estereotipados. Ao falar da Dança no ambiente escolar, Sotero (2010) refere-se à denominada "Educação não sexista", na qual o professor deve trabalhar impugnando preconceitos e, desta forma, reforça que as práticas corporais na escola devem-se basear "numa educação que pretenda ser contraponto a estereótipos homogêneos para não perpetuá-los".

Palavras-chave: Corpo; Dança, Educação Física Escolar

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

DANÇA COMO PROPOSTA DIVERSIFICADA NA DUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

[1] Aluno de graduação. luiza_wronski@yahoo.com.br. Autor principal

[2] Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física. viniciusmarianno.unipampa@gmail.com. Co-autor

[3] Acadêmica do curso de bacharel em Fisioterapia. dessamandarino@gmail.com. Co-autor

[4] Mestranda e professora de educação física. efsetimaturma@gmail.com. Co-autor

[5] Docente. marcoskunzler@unipampa.edu.br. Orientador

DANÇA COMO PROPOSTA DIVERSIFICADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado III tem como objetivo principal, aproximar os/as acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa – Unipampa, campus Uruguaiana, com a realidade das escolas do município de Uruguaiana, RS. Esta aproximação possibilita colocar em prática conhecimentos teórico/prático acumulados durante a graduação.

A Educação Física há muito tempo vive um processo de esportivização, isto é, a valorização do esporte, muitas vezes com finalidade de desenvolver e ou aprimorar habilidades motoras através do jogo nos/as alunos/as, tendendo ao treinamento de possíveis atletas, ou então para que joguem representando o clube da escola em campeonatos, rendendo-lhes medalhas, troféus e prestígio social. Não é errado ensinar o esporte na escola, mas é extremamente necessário que outras práticas corporais de movimento sejam incorporadas no planejamento, colocadas em prática nas aulas de Educação Física e que não sejam trabalhadas superficialmente. Segundo as autoras Helena Altmann, Eliana Ayoub e Silvia Cristina Franco Amaral:

> A Educação Física, sobretudo a partir da década de 1940, viveu um processo de esportivização que atingiu suas aulas na escola, nas quais alguns esportes (futebol, basquetebol, voleibol e handebol) tornaram-se praticamente seus únicos conteúdos. A partir da década de 1980, esse processo começa a ser problematizado no Brasil e algumas propostas teórico-metodológicas da área passam a defender, entre outras questões, a diversificação de conhecimentos nas aulas, as formas de abordá-los e uma ressignificação do esporte. (ALTMANN, AYOUB, AMARAL, 2011, p. 494).

Atualmente, abordar e discutir questões relacionadas a gênero nas escolas, aos olhos de pessoas preconceituosas é induzir, orientar e ensinar os/as alunos/as a adotar comportamentos tidos do sexo oposto. A proposta deste estágio é justamente desconstruir, pensamentos, visões falas e atitudes estereotipadas, preconceituosas, machistas e sexistas acerca das questões de gênero, é também uma proposta diversificada pautada no respeito à diversidade, problematizando concepções do que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade em que vivemos.

Devido a esse fato, a dança surge neste contexto como proposta diversificada, possibilitando através da prática a vivência da dança propriamente dita, problematizando questões de gênero e desenvolvendo habilidades motoras e cognitivas. Remeto-me a Mildred Aparecida Sotero que vem de encontro com as questões aqui abordadas:

> Falar em dança na escola é falar principalmente de gênero. O gênero configura-se como uma mediação importante para pensarmos o modo como se estruturam as relações sociais, as práticas pedagógicas, o ambiente de ensino e os significados atribuídos ao corpo e ao conteúdo escolar. Estas relações envolvem práticas e crenças bastante definidas pelo tempo, pelo contexto e pela cultura e são capazes de afetar a participação das crianças nas atividades propostas e, circunstancialmente, as aprendizagens e as relações sociais entre alunos e alunas em função daquilo que é considerado masculinizante ou feminilizante na contemporaneidade. (SOTERO, 2010, p.1).

2 METODOLOGIA

Este estudo teve como população foco, escolares (meninas) do 8° e 9° ano das séries finais do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental General Osório, do

município de Uruguaiana, RS. As atividades práticas do estágio III aconteceram nas terças e quintas-feiras, sendo das 13h50min às 14h40min na sala de vídeo, quadra ou saguão da própria escola com as alunas das turmas 8º A, 8º B, 9º A e 9º B, das séries finais. Os materiais das aulas foram: Caixa de som, projetor, telão, corpos descartáveis, balões, tesoura, papel, lápis, cola e corda.

A metodologia foi calcada no ensino lúdico das atividades propostas em aula, seguindo uma abordagem metodológica desenvolvimentista e humanista. A palavra lúdico, vem do latim ludus e tem sido relacionada ao jogo, divertimento, a algo que se faz por gosto. Segundo Ferraz (2006, p. 264), nem sempre a literatura educacional "dissocia nitidamente o jogo e atividade lúdica, mas demonstra a existência de polaridades correspondendo a situações mais ou menos lúdicas". Utilizou-se ainda nas aulas, a abordagem pedagógica na perspectiva humanista, que se apropria do jogo, do esporte, da dança, da ginástica como meios para cumprir os objetivos educacionais (OLIVEIRA, 1985).

Utilizou-se como técnica de coleta de dados, entrevista semiestruturada com perguntas abertas, afim de saber sobre as experiências prévias com a dança e seus interesses com a mesma.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

O estágio curricular apesar do medo inicial que dá, sempre acaba trazendo boas experiências capazes de dar subsídios teóricos e práticos para o exercício da profissão em um futuro não muito distante.

Após cinco observações e dezenove intervenções acerca da prática da dança nas séries finais do ensino fundamental, obtive diferentes resultados, alguns esperados e outros não. A turma foi composta somente por meninas, essas meninas contribuíram fortemente nas aulas por mim ministradas. Assim que as intervenções iniciaram, algumas alunas ao saberem que o conteúdo que estava sendo ofertado por mim era dança, começaram a se interessar mais pela Educação Física, visto que as aulas começaram a ter um número crescente de alunas.

Outro resultado foi o questionário que as alunas responderam logo no primeiro dia de intervenção mostrando que muitas alunas não conheciam conceitos e elementos práticos e básicos da dança, conheciam algumas danças, mas nunca tiveram muito incentivo de praticar algumas modalidades. A dança é vista por algumas pessoas como "reduto feminino" algumas delas achavam que dança era coisa só para meninas, outras que meninos tinham estilos/modalidades próprias, outras defendiam que meninos podiam dançar com meninas, mas desde que fossem ritmos como forró, sertanejo etc. De modo geral, o questionário mostrou interesse em querer aprender mais sobre dança, mostrou concepções hegemônicas de gênero e as convenções sociais de gênero. Carvalho (2004) contribui dizendo que:

> Sem dúvida, é indiscutível a força de concepções de masculinidade e feminilidade trazidas constantemente pelas crianças de fora para dentro da escola, mas é preciso também questionar as relações e práticas escolares, a cultura escolar, como fontes igualmente importantes na construção das identidades de meninos e meninas, seja na reprodução de estereótipos e discriminações de gênero, seja na construção de relações mais igualitárias (CARVALHO, 2004, p. 285).

A educação física parece ter espaço físico na escola, nas ruas, nos centros esportivos, ginásios, etc. É comum vermos pelas cidades, quadras de futebol, vôlei e outros esportes, outros espaços para atividades físicas como corrida, atletismo entre outros, mas e a dança? Qual seu espaço na escola e em outros espaços que a educação física está presente direta ou indiretamente? Na tentativa de responder a esses questionamentos, durante uma intervenção instiguei as alunas a repensar, ressignificar os espaços dentro da escola para a prática da dança. Não satisfeita com os resultados da atividade de pesquisa e observação uma aluna questiona "professor, porque a escola não tem uma sala de dança para a Educação Física?

Complementou dizendo que: a quadra eu sei que é para o futebol! É nesse sentido que cabe pautar aqui sobre a hegemonia do esporte, e verifica-se que os esportes coletivos são predominantes na Educação Física Escolar, mas e as outras atividades? Cadê a cultura corporal de movimento? Cadê o leque de possibilidades de conteúdos?

Alguns objetivos não puderam ser alcançados, visto que ocorreram este ano, muitos feriados, a escola fez muito "feriadão", teve greve dos caminhoneiros, teve aula cancelada por motivos de dedetização na escola toda, tiveram muitos dias chuvosos, o que acabou por espantar as alunas, reforçando aquela ideia que muitas pessoas tem que quando chove não tem aula. Outro objetivo não alcançado foi a da coreografia final que não foi possível realizar pelo curto período de tempo em atividades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, é impreterível um processo pedagógico que envolva corpo e gênero, envolvendo a participação do aluno em discussões acerca de preconceitos relacionados ao gênero e comportamentos estereotipados. Ao falar da Dança no ambiente escolar, Sotero (2010) refere-se à denominada "Educação não sexista", na qual o professor deve trabalhar impugnando preconceitos e, desta forma, reforça que as práticas corporais na escola devem-se basear "numa educação que pretenda ser contraponto a estereótipos homogêneos para não perpetuá-los".

Torna-se imprescindível a busca por um corpo que se expresse sem que seja limitado a códigos estereotipados previamente estabelecidos. Nesse sentido, pode-se constatar que a escola, além de outras diversas áreas, é atingida pelas concepções e ideias que envolvem a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. AYOUB, Eliana. AMARAL, Silvia C.F. **Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?.** 2011. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça.** Caderno Pagu, Campinas, n. 22, jun. 2004.

OLIVEIRA, V. M. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

SOTERO, Mildred Aparecida. **Questões de gênero e desconstrução de estereótipos: um plano lúdico para ensino da dança.** São Paulo: [s.n], 2010. Xvi, 125p.